



GÊNEROS E SEXUALIDADES

em veredas dissidentes
e resistentes

Marcelo Chaves Soares
Edmar Reis Thiengo
(Organizadores)



Atena
Editora
Ano 2022



GÊNEROS E SEXUALIDADES

em veredas dissidentes
e resistentes

Marcelo Chaves Soares
Edmar Reis Thiengo
(Organizadores)



Atena
Editora
Ano 2022



Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Bruno Oliveira

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2022 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2022 Os autores

Copyright da edição © 2022 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial**Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano

Profª Drª Amanda Vasconcelos Guimarães – Universidade Federal de Lavras

Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Universidade do Estado de Mato Grosso

Prof. Dr. Arinaldo Pereira da Silva – Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará

Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás

Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria



Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Edevaldo de Castro Monteiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Jayme Augusto Peres – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Renato Jaqueto Goes – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas



Gêneros e sexualidades em veredas dissidentes e resistentes

Diagramação: Natália Sandrini de Azevedo
Correção: Maiara Ferreira
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: Os autores
Organizadores: Marcelo Chaves Soares
Edmar Reis Thiengo

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

G326 Gêneros e sexualidades em veredas dissidentes e resistentes / Organizadores Marcelo Chaves Soares, Edmar Reis Thiengo. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2022.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-258-0754-6

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.546220111>

1. Identidade de gênero. 2. Sexualidade. I. Soares, Marcelo Chaves (Organizador). II. Thiengo, Edmar Reis (Organizador). III. Título.

CDD 306.765

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br



Atena
Editora
Ano 2022

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.



DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.



UMA BREVE APRESENTAÇÃO

Mais do que uma apresentação, este é um convite para juntos caminharmos pelas veredas que os gêneros e as sexualidades nos proporcionam. As veredas de dissidência e resistência são caminhos que querem desvelar desigualdades, transgredir a norma e subverter a cisheteronormatividade.

Este trabalho é um esforço coletivo de pesquisadoras e pesquisadores empenhadas em pensar, para além do senso comum, o sistema Sexo x Gênero x Sexualidade produtor de enquadramentos (BUTLER, 2019). Mais que pensar, os textos aqui dispostos atuam numa perspectiva contradisciplinar ou contrassexual (PRECIADO, 2014).

O trabalho se divide em três grandes veredas: a primeira vereda, “Sexualidade, Narrativas e Educação”, discute a sexualidade a partir de narrativas com foco na Educação Básica. Nesse sentido, os textos falam de percepções de estudantes acerca das questões que envolvem a sexualidade, do mesmo modo que denunciam a necessidade urgente de trazer ao espaço escolar o debate da sexualidade.

A segunda vereda, “Gênero, Corpo e Dissidências”, analisa as questões do corpo e do gênero em diferentes perspectivas sócio-filosóficas, mobilizando discussões que analisam as influências da tecnologia nos debates de gênero nos últimos anos, pensando o corpo a partir de narrativas insurgentes em diálogo com a Educação, mas, também com a arte e a filosofia.

A terceira e última vereda, “Sexualidades e outros contextos”, traz reflexões sobre sexo e sexualidade, de modo que busca romper silenciamentos e apagamentos de temáticas que outrora eram tratadas pela não discussão e um não debate. Temas como o abuso sexual se encontram nesta vereda, do mesmo modo que as formas de expressão da sexualidade por homens gays também integram o caminho.

A leitora e o leitor têm em mãos um livro potente, que dispensa maiores apresentações. Fica apenas o convite para se enveredar pelos caminhos da dissidência e da resistência.

Marcelo Chaves Soares

Edmar Reis Thiengo

Organizadores

SUMÁRIO

I VEREDA - SEXUALIDADE, NARRATIVAS E EDUCAÇÃO

CAPÍTULO 1..... 1

SEXUALIDADE ENGAVETADA NA ESCOLA: SOMOS SERES NÃO SEXUAIS?

Joel Almeida Neto
Lohan Galvão de Oliveira
Edmar Reis Thiengo

CAPÍTULO 2..... 15

PERCEPÇÕES DE ESTUDANTES SOBRE SEXUALIDADE E SUA DISCUSSÃO NO AMBIENTE ESCOLAR

Lohan Galvão de Oliveira
Edmar Reis Thiengo

CAPÍTULO 3..... 33

SEXUALIDADES EXPRESSAS NOS ESPAÇOS ESCOLARES: UM DEBATE URGENTE

Jésus Gomes de Souza
Kátia Gonçalves Castor
Edmar Reis Thiengo

CAPÍTULO 4..... 51

NARRATIVAS ADOLESCENTES: SEXUALIDADES NO AMBIENTE ESCOLAR

Thiago Fernandes Madeira

II VEREDA - GÊNERO, CORPO E DISSIDÊNCIAS

CAPÍTULO 5..... 61

CORPOS-TERRITÓRIOS-LGBT+ NA DOCÊNCIA DA EDUCAÇÃO BÁSICA DA BAHIA: IMAGENS, NARRATIVAS E (RE)EXISTÊNCIAS

Janivaldo Pacheco Cordeiro
Jane Adriana Vasconcelos Pacheco Rios

CAPÍTULO 6..... 73

AGONÍSTICA E GÊNERO NAS PLATAFORMAS DIGITAIS: DOS LIVROS ÀS REDES SOCIAIS

Pablo Ornelas Rosa
Aknaton Toczec Souza
Jésio Zamboni

CAPÍTULO 7..... 90

CORPOS QUE IMPORTAM: O PROCESSO DE REDESIGNAÇÃO SEXUAL NA VIDA DE UMA MULHER *TRANS*

Marcelo Chaves Soares
Bianca Santos da Silva

Edmar Reis Thiengo

CAPÍTULO 8..... 100

QUANDO A ARTE TRANSGRIDE: SUBVERSÃO *QUEER*-CONTRASSEXUAL NA OBRA DE CARLOS MOTTA

Marcelo Chaves Soares

III VEREDA - SEXUALIDADES E OUTROS CONTEXTOS

CAPÍTULO 9..... 110

DO PASSIVO AO ATIVO: PARA REPENSAR AS ESTRUTURAS DISCURSIVAS DO SEXO

Marcelo Chaves Soares

CAPÍTULO 10..... 118

INDÍCIOS DE ABUSO SEXUAL EM CRIANÇAS E ADOLESCENTES: REFLEXÕES A PARTIR DE DIÁLOGOS COM EDUCADORES

Edmar Reis Thiengo

CAPÍTULO 11 131

CRIANÇA, SEXUALIDADE E EDUCAÇÃO: UMA REVISÃO SOBRE O ABUSO SEXUAL INFANTIL

Edmar Reis Thiengo

Paulo Roberto Pereira Junior

SOBRE OS ORGANIZADORES 141

SOBRE OS AUTORES 142

III VEREDA - SEXUALIDADES E OUTROS CONTEXTOS

DO PASSIVO AO ATIVO: PARA REPENSAR AS ESTRUTURAS DISCURSIVAS DO SEXO

Data de aceite: 20/09/2022

Marcelo Chaves Soares

Universidade Federal Fluminense - UFF

Trabalho apresentado como resumo expandido no Congresso Internacional Interdisciplinar em Sociais e Humanidades (CONINTER) em 2020. Neste dossiê, o texto foi expandido para o formato de artigo.

RESUMO: Neste trabalho discutimos a construção das categorias “passivo” e “ativo” no meio LGBTQIA+ para definir papéis na performatividade sexual sob uma perspectiva de dominação e subjugação. Para tanto, analisamos, brevemente, a noção de homossexualidade na história e categoria do sujeito homossexual. Tomamos como aporte teórico os estudos de Foucault, Butler e Bourdieu. Metodologicamente a pesquisa é qualitativa de método hipotético-dedutivo, com dados colhidos por meio de questionários aplicados a 85 homens gays. Observa-se que ainda persiste uma noção de subjugação dos homens gays passivos em relação aos homens gays ativos, uma vez que o imaginário desses é permeado por noções de dominação.

PALAVRAS-CHAVE: homens gays; performatividade sexual; dominação masculina.

PROÊMIO DA TEMÁTICA

As categorias sociais constroem identidades que também impactam na performatividade do sexo e da sexualidade. Nesse sentido, debatemos a construção das categorias “passivo” e “ativo” no meio LGBTQIA+ para definir papéis na performatividade sexual sob uma perspectiva de dominação e subjugação. Analisamos, ainda, a expressão da homossexualidade na história das duas grandes civilizações que deram origem ao pensamento ocidental; o surgimento do sujeito homossexual, bem como analisamos os termos “passivo” e “ativo” e os reflexos dessas categorias na sujeição dos indivíduos.

A subjugação feminina tão presente num contexto social patriarcal, reflete diretamente nas relações sociais e afetivas de homens gays, de modo que a cisheteronormatividade dita, inclusive, os moldes dos relacionamentos entre essas pessoas. Sendo assim, constantemente coloca-se o homem gay passivo em lugar de “feminilidade” e, conseqüentemente, de inferioridade ao homem gay ativo que, nesses termos, assume o papel de virilidade, masculinidade e dominação.

Não é novidade que as formas de afeto e de relacionamento de homens gays são alvo de estudos e produções acadêmicas. Encontramos textos predominantemente no campo das Ciências Humanas e Sociais aplicadas. Por

exemplo, estudos de Júlio Assis Simões e Richard Miskolci, que investigam as afetividades e formas de sociabilidades de homens gays em diferentes espaços e campos. Este trabalho, foca na perspectiva de homens gays sobre sexo e dominação masculina, ainda que seja uma temática não inédita, contribui para os diálogos acadêmicos existentes a fim de corroborar com teorias outrora levantadas.

Neste trabalho, tomamos de empréstimo os estudos de Michel Foucault (2014; 2019) a fim de analisarmos os discursos que permeiam as identidades que são naturalizadas socialmente, o pensamento de Judith Butler (2019a; 2019b), para discutirmos a formação do sujeito e a performatividade sexual e de gênero e, elencamos Pierre Bourdieu (2012), com vistas a discutir a dominação masculina.

No que tange à metodologia desta pesquisa, ela alcança um caráter qualitativo de método hipotético-dedutivo, valendo-se de um questionário aplicado a 85 (oitenta e cinco) homens (trans e cis), de todas as regiões do país, com idades entre 18 e acima de 45 anos, sobre a performatividade da sexualidade e o significado dos termos. No momento de colheita dos dados, encontrávamos num momento crítico de pandemia da Covid-1, ao passo que foram utilizados recursos virtuais para atingir esses sujeitos (grupos de *Facebook*, *WhatsApp* e *Instagram*) a fim de que respondessem ao questionário.

Na primeira seção, explicitamos o embasamento teórico; noutra seção, fazemos um breve contexto histórico da expressão da homossexualidade na história das duas grandes civilizações que contribuíram para o desenvolvimento do pensamento ocidental: Grécia e Roma, apontando também o surgimento do termo homossexual, com base no pensamento foucaultiano e, por fim, analisamos e discutimos os dados e resultados da pesquisa.

SEXUALIDADE, PERFORMATIVIDADE DE GÊNERO E DOMINAÇÃO MASCULINA

As categorias construídas socialmente criam raízes e exercem influência sobre os corpos a fim de torná-los dóceis com propósitos de poder (FOUCAULT, 2014). Nesta toada, utilizaremos como aporte teórico da pesquisa o contributo de autores que adotam uma perspectiva pós-estruturalista (FOUCAULT, 2014; 2019; BUTLER, 2019; BOURDIEU, 2012).

De acordo com Butler (2019), a construção da identidade sexual não é um ato único e isolado, ela depende também de práticas que precisam ser repetidas como num ritual, pois, “[...] com efeito sedimentado de uma prática reiterativa ou ritualizada, o sexo adquire seu efeito naturalizado (BUTLER, 2019, p. 29).”. Percebemos que o sexo e a sexualidade, portanto, não podem, também, ser pensados fora da estrutura do poder e do discurso. Tendo em vista, que de acordo com Foucault (2019), devemos perceber o discurso “[...] como uma série de segmentos descontínuos, cuja função tática não é uniforme nem estável

(FOUCAULT, 2019, p. 109).”.

Desta forma, os discursos difundidos sobre a sexualidade operam para legitimar determinadas práticas. Nessa continuidade, os discursos podem contribuir para a propagação de ideias machistas, permeando o imaginário social. E, assim, tais discursos operam no meio LGBTQIA+, disseminando ideias de que há uma hierarquia entre os homens que performam a sua sexualidade com outros homens, uma vez que “[...] na lógica do modelo hierárquico-popular, os atos de penetrar e de ser penetrado adquirem os sentidos respectivos de dominação e submissão por meio das categorias de “ativo” e “passivo” (SIMÕES, 2012, p. 123).”.

Pierre Bourdieu (2012), descreve a atuação da dominação masculina na sociedade e como ela subjuga o feminino através da lei simbólica. Sendo assim, de acordo com Bourdieu, “a ordem social funciona como uma imensa máquina simbólica que tende a ratificar a dominação masculina sobre a qual se alicerça (BOURDIEU, 2012, p. 18).” Compreendemos, com isso, que a masculinidade atua como forma de dominação dos indivíduos. No meio LGBTQIA+, aquele que performa a sua sexualidade como “passivo” é tido como inferior, ou seja, dominado. Nesse sentido, Bourdieu afirma ainda, que

A penetração, sobretudo quando se exerce sobre um homem, é uma das afirmações da *libido dominandi*, que jamais está de todo ausente da libido masculina. Sabe-se que, em inúmeras sociedades, a posse homossexual é como uma manifestação de “potência”, um ato de dominação (exercido como tal, em certos casos, para afirmar a superioridade “feminizando” o outro) e que é a este título que, entre os gregos, ela leva aquele que sofre à desonra e à perda do estatuto de homem íntegro e de cidadão (BOURDIEU, 2012, p. 31).

Portanto, as ideias de que há uma inferioridade intrínseca àquele que performa sua sexualidade enquanto passivo, passa pela perspectiva de discursos socialmente construídos legitimados pela lei simbólica refletindo diretamente no meio LGBTQIA+.

DE GRÉCIA E ROMA AO SUJEITO HOMOSSEXUAL: PENSANDO CATEGORIAS

Relações entre pessoas do mesmo gênero não são uma invenção dos séculos XX e XXI, como muitos discursos neoconservadores propagam. Desde os tempos mais remotos, as pessoas se relacionam de diferentes maneiras e buscam formas de prazer de acordo com o que sentem. Se tomarmos por base as civilizações grega e romana, cujas a cultura e pensamento moldaram a civilização ocidental, a homossexualidade era exercida, ainda que com outro nome.

Os povos dóricos, tal como são retratados pela história, filosofia, antropologia e outras ciências humanísticas, nas quais inclusive se destacaram, concediam-se sob o prisma da sexualidade duas vidas tão distintas quanto

harmônicas. Uma decorria privada, com mulheres, fossem estas esposas, concubinas ou escravas, e exercida na intimidade do lar, convenientemente discreta, indevassável. A outra, pública, conveniente em outro sentido, era partilhada com jovens homens, aberta, alvo de prestígio e vantagens sociais. Era esta a que distinguia socialmente o cidadão e o situava em um status de prestígio, enquadrando-o nas obrigações para com a sua classe e para com a sociedade da época (SOUZA, 2001, p.105).

Na Grécia, era comum o exercício livre da sexualidade sendo, inclusive, adequado ao cotidiano de deuses, reis e heróis. Entre os séculos IV a VI a.C., as relações afetivas entre pessoas do mesmo gênero eram consideradas uma forma de relação afetiva de caráter superior, longe de ser amoral, um acidente ou vício. Os homens poderiam ser ora homossexuais, ora heterossexuais termos desconhecidos até então na língua grega (SOARES, 2021).

Em Roma, era semelhante à Grécia, havia uma diferença em relação à forma de dominação, que era permeada por relações de classe, assim descreve Souza:

Em Roma, mais que na Grécia, a situação diante do social podia definir a aceitação ou o rechaço ao amor entre dois homens. Se um patrício ou um homem livre submetesse um escravo, situação muito disseminada, se considerava aceito, mas isso passa a ser execrável se se deixa submeter. (...) O homossexualismo mediante determinadas condições era visto como de procedência natural, ou seja, no mesmo nível das relações entre casais, entre amantes ou de senhor e escravo. Mas, se o patrício romano, ou o simples cidadão, concedesse ser passivo para o escravo, seria definitivamente degradante (SOUZA, 2001, p.109).

A figura do sujeito homossexual aparecerá séculos mais tarde, como nos esclarece Foucault (2019). Para o autor, enquanto em séculos anteriores a prática de relações de sodomia eram localizadas como pecaminosas, no século XIX, surge o sujeito homossexual que é alvo de discursos legais, médicos e pedagógicos. Escreve o autor que “a homossexualidade apareceu como uma das figuras da sexualidade quando foi transferida, da prática da sodomia, para uma espécie de androgenia interior, um hermafroditismo da alma. O sodomita era um reincidente, agora o homossexual é uma espécie” (FOUCAULT, 2019, p. 48).

REPENSANDO AS ESTRUTURAS DISCURSIVAS DO SEXO

Como mencionado, este trabalho adquiriu natureza qualitativa, e, assim, a pesquisa qualitativa é entendida como aquela onde é “[..] importante a interpretação por parte do pesquisador com suas opiniões sobre o fenômeno em estudo. Neles a coleta de dados muitas vezes ocorre por meio de entrevistas com questões abertas (PEREIRA; SHITSUKA; PARREIRA; SHITSUKA, 2018, p. 67).”

Nesse sentido, a pesquisa é constituída por 3 fases: de primeiro momento foi feito

um levantamento bibliográfico a respeito do tema; em seguida foi elaborado um questionário e aplicado a homens (trans e cis), este questionário foi aplicado através de redes sociais e aplicativos de mensagens, no entanto; num terceiro momento, foi feita a compilação dos dados, sua análise e discussão.

Os sujeitos da pesquisa são homens (trans e cis), onde 85 (oitenta e cinco) responderam a um questionário que buscou compreender suas respectivas percepções sobre a performatividade sexual e as categorias “passivo” e “ativo” no meio LGBTQIA+. Desses sujeitos, 92,9% se consideram homens cis, 3,5% se consideram homens trans e 3,5% preferiram não responder. Aqueles que se consideram brancos, correspondem a 51,8% dos entrevistados, 47% identificam-se como sendo negros ou pardos, apenas 1,2% se considerou indígena. A faixa etária dos sujeitos entrevistados vai dos 18 até acima dos 45 anos. Dos entrevistados, 48,2% são da região Sudeste, da região Nordeste foram cerca de 25,9%, do Sul foram 16,5%, da Centro-oeste foram 5,9% e da região Norte apenas 3,5%.

Traçado esse breve perfil dos sujeitos imbricados na pesquisa, analisaremos alguns dados. Assim, onde foi perguntado qual (is) características mais incomodavam num outro homem para relacionar-se, das opções listadas (altura, vestimenta, idade, fala, peso e trejeitos considerados femininos – “afeminado”), cerca de 52,9% responderam que ser “afeminado” era uma característica que incomodava. No entanto, 62,4% respondeu que faria sexo com um homem considerado “afeminado”, demonstrando certa contradição nas respostas.

Apesar dessa contradição, cabe aqui algumas problematizações. Tendo em vista os incômodos dos sujeitos em relação a outro parceiro, mais de 50% (cinquenta por cento) se incomodam com o fato do parceiro ser afeminado, remetendo à figura feminina. Esse incômodo, se dá pela cisheteronormatividade, que espera que todos os corpos masculinos performem de uma determinada maneira. Maneira essa que remete a ideais de masculinidade excessiva.

Outro dado chama atenção: cerca de 91,8% dos que responderam ao questionário, acreditam que no meio LGBTQIA+ há uma tendência à valorização do homem que performa sua sexualidade como “ativo”. Pensando nessa perspectiva, em outro momento, os sujeitos citaram algumas frases que costumam ouvir sobre o homem que se considera “ativo”, dentre as frases e palavras citadas, estão: “Macho dominador”; “Ele é o macho ne?”; “Machão, comedor”; “Macho da relação”; “quem comanda na hora do sexo”; “Macho padrão”. Observa-se que, nas frases e palavras apontadas, há uma predominância do termo “macho”, que remete a estereótipo de dominação e masculinidade excessiva.

Novamente, o ideal de “macheza” aparece, como parte constituinte dos sujeitos. Butler (2019b) defende que o poder para que seja incorporado pelo sujeito passa por um processo de reiteração. Escreve a autora que “a reiteração do poder não só temporaliza as

condições de subordinação como também mostra que essas condições não são estruturas estáticas, mas temporalizadas - ativas e produtivas” (BUTLER, 2019b, p. 25).

Quando inquiridos sobre a possibilidade dos homens que performam sua sexualidade como “passivos” sofrerem algum tipo de preconceito no meio LGBTQIA+, 72,9% responderam que acreditam nessa possibilidade, enquanto 22,4% acreditam que talvez e 4,7% acreditam que não. Além disso, os sujeitos mencionaram, também, frases ou palavras que já ouviram sobre ser “passivo”, a respeito dessas frases e palavras, citaram: “passivos são as mulheres do relacionamento”; “você a mulher da relação?”; “Mulherzinha, depósito”; “Menininha”; “minha mulherzinha, putinha”. Aqui, também conseguimos notar a predominância da palavra “mulher” ou ao “feminino”, remetendo a um binarismo no relacionamento (homem/mulher) e de que há uma dominação.

A dominação masculina presente no meio LGBTQIA+ é reflexo de uma realidade já conhecida. A misoginia social que roga às mulheres lugar de inferioridade também coloca homens gays passivos em lugar de mulheres e, como consequência, são entendidos como inferiores em relação aos homens gays ativos. A condição de penetrar ou ser penetrado, entre homens gays, definirá sua posição de superioridade ou inferioridade, tal qual Bourdieu (2012) esclareceu ao tratar do ato de penetração no processo de dominação masculina.

Quando perguntados se acreditavam que os termos “passivo” e “ativo” remetiam a uma ideia de dominação, 55,3% responderam que sim, enquanto 23,5% acreditavam que talvez e 21,2% não acreditam. Denotando que os sujeitos entrevistados percebem as estruturas de dominação existentes no meio LGBTQIA+, que são transmitidos por meio dos discursos.

A linguagem exerce papel crucial na sujeição, tendo em vista o poder de atuação dos discursos, além disso, Butler (2021) evidencia que somos seres de linguagem de modo que “a performatividade caracteriza primeiro, e acima de tudo, aquela característica dos enunciados linguísticos que, no momento da enunciação, faz alguma coisa acontecer ou traz algum fenômeno à existência” (BUTLER, 2019c, p. 35).

Além disso, em outros momentos, foram apontadas características dos homens que se consideram “passivos”, dentre elas, 60% respondeu que deve ser “afeminado”, responderam também que deve ser “meigo” (56,5%), além de ser “dócil” (54,1%). Nessa direção, quando perguntado sobre características do “ativo”, 70,6% respondeu que deve ser “forte”, também não pode ter “trejeitos femininos” (69,4%), devendo ter um “corpo definido” (45,9%). Sendo assim, conseguimos notar que binarismos e discursos de dominação ainda fazem parte do imaginário da comunidade LGBTQIA+.

CONSIDERAÇÕES INCONCLUSIVAS

Buscou-se neste trabalho debater, brevemente as categorias “passivo” e “ativo” enquanto produtos da dominação masculina, de modo que ainda reproduz-se discursos pautados em ideais cisheteronormativos, onde o ser passivo é equiparado ao ser mulher.

Os discursos permeiam a sexualidade e se incumbem de produzi-la. Nesse sentido, as relações afetivas produzem sujeitos e corpos que são docilizados para se adequar a discursos de poder. Conseguimos notar com o presente trabalho, que é necessária uma transcendência dos termos “ativo” e “passivo” que são significados pela lei simbólica machista, essa que institui uma dominação masculina sobre os corpos.

As estruturas discursivas significadas pela lei simbólica são repetidas e reificadas nas relações sociais e na performatividade sexual dos sujeitos que ao se submeterem a essa lei, são sujeitados por ela, ao mesmo tempo que contribuem para sua reprodução. Assim, é necessário repensar essas estruturas discursivas a fim de acabar com machismos e as dominações.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Tradução de Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

BUTLER, Judith. **Corpos que importam**: Os limites discursivos do “sexo”. Tradução de Veronia Daminelli e Daniel Yago Françoli. São Paulo: Crocodilo, 2019a.

BUTLER, Judith. **A vida psíquica do poder**: teorias da sujeição. Tradução de Rogério Bettoni. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019b.

BUTLER, Judith. **Corpos em aliança e a política das ruas**: notas para uma teoria performativa de assembleia. Tradução de Fernanda Siqueira Miguens. Revisão de Carla Rodrigues. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019c.

BUTLER, Judith. **Discurso de ódio**: uma política do performativo. Tradução de Roberta Fabbri Viscardi. São Paulo: Editora Unesp, 2021.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**: nascimento da prisão. Tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis – RJ: Vozes, 2014.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I**: A vontade de saber. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2019.





PEREIRA, Adriana Soares; SHITSUKA, Dorlivete Moreira; PARREIRA, Fábio José; SHITSUKA, Ricardo. **Metodologia da Pesquisa Científica**. Rio Grande do Sul: UFSM, 2018.

SIMÕES, Júlio Assis. **Homossexualidade e movimento LGBT**: estigma, diversidade, cidadania. In: BOTELHO, André; SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Cidadania, um projeto em construção**: minorias, justiça e direitos. São Paulo: Claro Enigma, 2012.

SOUZA, Ivone M. C. Coelho de. **Homossexualismo, uma instituição reconhecida em duas grandes civilizações.** in INSTITUTO INTERDISCIPLINAR DE DIREITO DE FAMÍLIA – IDEF (coord.). Homossexualidade – discussões jurídicas e psicológicas. Curitiba: Juruá, 2001.

GÊNEROS E SEXUALIDADES

em veredas dissidentes
e resistentes

-  www.atenaeditora.com.br
-  contato@atenaeditora.com.br
-  [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
-  www.facebook.com/atenaeditora.com.br







Atena
Editora
Ano 2022



GÊNEROS E SEXUALIDADES

em veredas dissidentes
e resistentes

-  www.atenaeditora.com.br
-  contato@atenaeditora.com.br
-  [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
-  www.facebook.com/atenaeditora.com.br



Atena
Editora
Ano 2022

